

SEÇÃO VI

Economia Agrícola

Sumário

O primeiro trimestre de 2018 apresentou um movimento de recuperação dos preços nas cotações domésticas dos produtos agropecuários – com exceção do arroz e do café – e da produção de suínos e frangos. Os principais fatores responsáveis por esse movimento positivo nos preços agrícolas foram a desvalorização da taxa de câmbio e a redução da oferta internacional de alguns produtos importantes, como soja e trigo. Em relação ao produto interno bruto (PIB), o setor agropecuário deve exercer impacto negativo no desempenho de 2018. O Ipea estima uma queda de 1,3% para o PIB agropecuário em 2018 – após forte crescimento de 13%, em 2017.

Ao comparar o último trimestre com o mesmo período do ano anterior, a alta de preços do milho ocorreu em razão da perspectiva de queda de sua produção na segunda safra, devido à redução da área de plantio e, concomitantemente, com as exportações aquecidas. O trigo também iniciou o ano com alta nos preços, o que pode estimular a produção do cereal este ano e a troca da área de plantio da segunda safra de milho pelo trigo, em algumas regiões no Sul do país. Além disso, por causa do La Niña, com impacto positivo e com a elevação dos custos de importação, mais os atrasos nos embarques argentinos, esse movimento de alta dos preços do trigo pode estimular a potencial produção nas regiões Norte e Nordeste. O algodão foi o grande destaque, apresentando alta expressiva de preço no início do ano devido à queda na oferta e à alta na demanda, fatores que impulsionaram o aumento de área plantada e da produção.

Em contrapartida, o arroz beneficiado teve baixa nos preços nos últimos meses, o que deve desestimular a produção na safra de 2017/2018. O café também apresentou queda de preço, principalmente devido ao atraso das chuvas. Contudo, há perspectiva de crescimento da oferta, o que manterá os preços mais baixos. Os preços dos suínos, por sua vez, apresentaram queda pela redução das exportações para os principais mercados, que elevaram a disponibilidade interna do produto. A produção de aves também sofreu queda nos preços, em razão da retração do consumo (doméstico e internacional) e do aumento na oferta de animais. Entretanto, como o setor apresenta rápida capacidade de reprogramação de abate na cadeia, há perspectivas de melhoras.

Em relação ao mercado externo, o açúcar e o café apresentaram queda nas suas exportações no primeiro quadrimestre, seja em termos de valor, seja em relação à quantidade. Quanto ao milho, há previsão de queda para as exportações brasileira,

Editores:

Jose Eustáquio Ribeiro Vieira Filho
Técnico de Planejamento e Pesquisa da
Diretoria de Estudos e Políticas Regionais,
Urbanas e Ambientais (Dirur)/Ipea

jose.vieira@ipea.gov.br

José Ronaldo de C. Souza Júnior
Diretor da Diretoria de Estudos e Políticas
Macroeconômicas (Dimac)/Ipea

ronaldo.souza@ipea.gov.br

argentina e paraguaiá, por causa da redução de área plantada na segunda safra de 2017/2018. Já para as importações de trigo, principal produto importado no Brasil, haverá crescimento tanto em valor como em quantidade. Entretanto, na América do Sul, a produção deve diminuir principalmente em consequência da redução da safra no vizinho argentino. Com isso, a alternativa brasileira será importar o produto dos Estados Unidos, o que não será uma boa opção, já que acarretará em aumento de custos para o consumidor final.

O valor bruto da produção agropecuária previsto para 2018 está em torno de R\$ 530,1 bilhões, sendo R\$ 355,4 bilhões para as lavouras e R\$ 174,8 bilhões para a pecuária. Em comparação a 2017, esses valores representaram redução de 3,7% no total, sendo 3,8% para as lavouras e 3,5% para a pecuária. Não obstante, há tendência de recuperação, pois, apesar da redução do valor em fevereiro em relação a janeiro, o mês de março apresentou variação positiva do valor em relação a fevereiro. Os melhores resultados apresentados foram relativos à produção de algodão, cacau, mamona, soja, batata-inglesa, café, tomate e trigo.

Quanto ao PIB-volume do agronegócio (que engloba insumos para a agropecuária, produção agropecuária básica, ou primária, agroindústria e agrosserviços), espera-se a redução de 5,5% no total, consideradas as informações até fevereiro de 2018. Porém, há expectativa de variação positiva para a agroindústria e os agrosserviços de 9,9% e 1,9%, respectivamente. O mercado de trabalho do agronegócio, de modo geral, manteve-se praticamente constante, comparado ao primeiro trimestre de 2017. Os setores de insumos, agrosserviços e agroindústrias foram responsáveis pelo incremento percentual no emprego, comparativamente ao primeiro trimestre de 2017.

O setor de máquinas agrícolas apresentou um recuo de 2% no primeiro quadrimestre de 2018 em comparação ao mesmo período de 2017, mas expansão de 3% em relação à média de produção do mesmo período de 2015-2017. E as exportações também apresentaram resultados positivos em relação à média do mesmo período de 2015-2017.

Para o crédito rural, os recursos programados, para o ano agrícola 2017/2018 (julho a junho), foram de R\$ 188,40 bilhões, sendo R\$ 150,25 bilhões para custeio, comercialização e industrialização, e R\$ 38,15 bilhões para investimento. As contratações de crédito rural e seu desembolso relativo à programação de recursos foram de R\$ 24,2 bilhões (63,5% para investimentos) e de R\$ 93,4 bilhões (62,2% para custeio, comercialização e industrialização). Esses desembolsos relativos, no ano agrícola anterior, foram respectivamente de 55,7% e de 56,7%, retratando a aplicação superior dos recursos no ano agrícola vigente.

1 Mercados e Preços Agropecuários¹



O ano de 2017 foi marcado por expressiva redução de preços nos mercados agropecuários, resultado essencialmente de um cenário de maior oferta e demanda enfraquecida. No entanto, no primeiro trimestre de 2018, o movimento que predominou entre os produtos agropecuários acompanhados na *Carta de Conjuntura* foi o de recuperação das cotações domésticas, em comparação com o último trimestre de 2017. Exceções a esse quadro foram arroz, café, suínos e aves. Para os produtos agrícolas, de modo geral, a valorização do dólar frente ao real, uma oferta relativamente mais restrita e a demanda mais aquecida foram os fundamentos para o movimento de alta nos preços domésticos. Nos mercados pecuários, a melhora na demanda interna pelos produtos lácteos e o bom desempenho da exportação da carne bovina foram fatores importantes para explicar a alta de preços.

Em termos de perspectivas para os próximos meses, para muitos produtos o cenário ainda é incerto; para outros como soja, milho, algodão e hortifrúti­colas, a expectativa é de que as cotações sigam acelerando nos próximos meses. O dólar mais valorizado nos próximos meses pode impactar positivamente os preços dos produtos transacionados (grãos e carnes, trigo) no mercado externo.

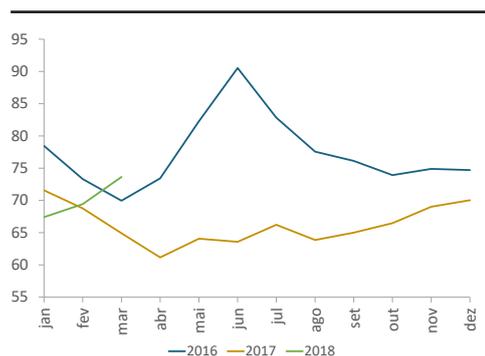
A quebra na produção de soja na Argentina, em função de adversidades climáticas, a firme demanda externa pela oleaginosa brasileira e a valorização do dólar frente ao real impulsionaram os preços internos do complexo soja no primeiro trimestre do ano. A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) indica leve aumento do consumo interno, devido ao crescimento do uso do biodiesel e ao aumento da demanda por farelo e óleo de soja, anteriormente importados da Argentina. Para a soja em grão, a valorização foi de 2,4% frente ao trimestre anterior. Em relação ao mesmo trimestre de 2017, a alta foi similar, de 2,5%. Recordar-se que, em 2017, as cotações do produto recuaram 14,4% em relação a 2016, diante da produção recorde no país, como apontado na *Carta de Conjuntura nº 38* (gráfico 1). Para a safra 2017/2018 a Conab estima uma produção de 115 milhões de toneladas, com destaque para os estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná, que se beneficiaram com as chuvas durante o período de crescimento da cultura.

Os preços do milho iniciaram 2018 com intenso movimento de alta frente ao trimestre imediatamente anterior, ficando 14% maior na média do indicador de milho Esalq/BM&FBovespa. Influenciaram nesse cenário a forte retração de produtores/vendedores em negociar o cereal, em função da expectativa de aumento de preços nos meses subsequentes relacionada à redução de 16% na produção de milho segunda safra em relação à temporada anterior, e a redução da área plantada com milho segunda safra que, segundo a Conab, é a menor desde o início da série em 1976. Ainda segundo a Conab, as cotações domésticas do milho estão completamente descoladas da paridade de exportação e dos preços dos portos devido

¹ Esta seção foi produzida por Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Nicole Rennó Castro, André Sanches (grãos), Fernanda Geraldini (hortifrúti­colas), Renato Garcia Ribeiro (café), Natália Salaro Grigol (leite), Shirley Martins Menezes e Regina Mazzini Rodrigues Biscalchin (boi), Juliana Ferraz e Marcos Debatin Iguma (suínos, aves e ovos) – todos do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo (Cepea/Esalq/USP).

à especulação. Os produtores, que também detêm os estoques, estão comercializando acima da paridade, o que pressionou o mercado a optar pela importação de 100 mil toneladas desde janeiro, a fim de destravar as negociações e normalizar o mercado. Consequência disso foi a alta de 2,8% nos preços domésticos no primeiro trimestre de 2018, contrariando a tendência de queda apresentada no mesmo trimestre do ano anterior. Vale lembrar que, na comparação entre os preços médios de 2016 e de 2017, houve queda de 31,3% (gráfico 2).

GRÁFICO 1
Indicador de Preço da Soja Cepea/Esalq – Paraná
(Em R\$ por saca de 60 kg)



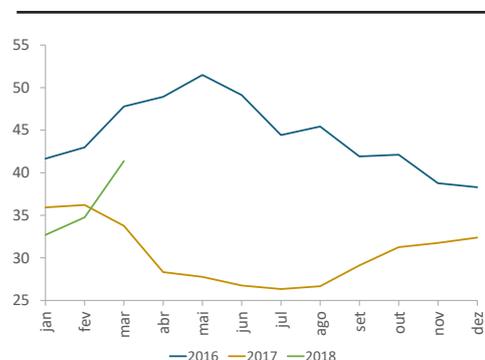
Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas para a soja

Parte dos produtores/vendedores está retraída à espera de melhores oportunidades de negociação de soja, especialmente porque os valores *free on board* (FOB) indicam patamares ainda mais atrativos nos próximos meses. A firme demanda externa, especialmente da China (pelo grão) e da Coreia do Sul (pelo farelo), dá suporte aos prêmios de exportação e, conseqüentemente, à sustentação dos valores domésticos para os próximos meses.

GRÁFICO 2
Indicador de Preço do Milho Esalq/BM&FBovespa
(Em R\$ por saca de 60 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



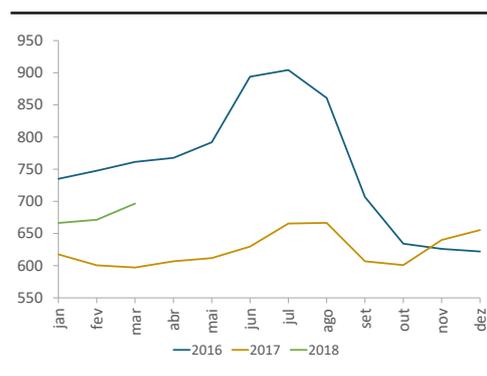
Perspectivas para o milho

Os agentes de mercado acompanham de perto o desenvolvimento das lavouras de milho segunda safra, a qual determina a oferta e conseqüentemente os preços nos próximos meses. Atualmente, a Conab estima redução de área de 4,6% e queda de 6,5% na produção da segunda safra em relação à temporada anterior. A expectativa de menor oferta e exportações aquecidas mantém a perspectiva de sustentação nos preços.

Assim como para a soja e o milho, os preços do trigo iniciaram o ano em alta, impulsionados pela demanda aquecida, pelos custos elevados de importação e pelos atrasos nos embarques do cereal argentino (lembrando que muitos demandantes brasileiros precisam recorrer ao cereal importado). Ainda, como a oferta em 2017 foi menor em relação ao ano anterior em razão do período de seca e geadas no Paraná, o país já enfrenta no momento dificuldades para abastecer o mercado doméstico. Especificamente sobre o mercado argentino – principal fornecedor de trigo para o Brasil –, estima-se que a colheita da safra 2017/2018 seja menor devido à seca. De acordo com o governo argentino, em algumas regiões a queda pode chegar

a 50%. Entretanto, espera-se recorde de área e de produção na safra 2018/2019, que começa a ser semeada em maio. O preço médio do trigo Cepea/Esalq Paraná no primeiro trimestre do ano foi 7,3% superior ao do trimestre anterior, e 12% acima daquele do mesmo período do ano passado. Em 2017, o preço do produto havia recuado 17,2% ante a 2016, consideradas as médias anuais (gráfico 3).

GRÁFICO 3
Preço médio do trigo Cepea/Esalq – Paraná (R\$/t)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

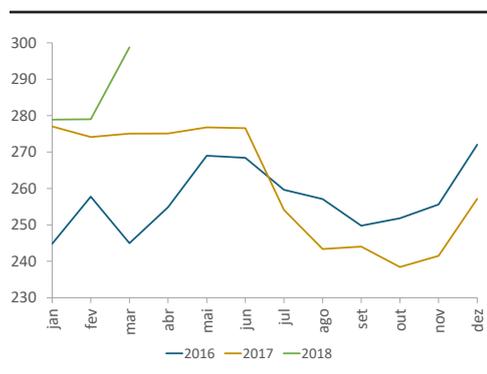


Perspectivas para o trigo

As recentes altas no preço do trigo podem estimular produtores a semearem o cereal neste ano. No Rio Grande do Sul, onde o período de semeadura é entre maio e julho, os produtores estavam otimistas quanto ao cultivo nesta temporada. Muitos agentes acreditam que o fenômeno La Niña, que tende a potencializar o clima frio e seco, pode ser benéfico para algumas fases de desenvolvimento do grão. Assim, observa-se demanda aquecida para a aquisição de sementes do cereal, especialmente nas regiões norte e noroeste do estado.

Os preços da pluma de algodão iniciaram o ano com expressiva alta. O impulso decorreu tanto da maior demanda quanto da oferta restrita, especialmente de lotes de boa qualidade. O aumento no preço internacional e a valorização do dólar frente ao real também influenciaram a valorização da pluma no Brasil. Em relação ao trimestre imediatamente anterior, a alta foi 16,22% e, em relação ao mesmo trimestre de 2017, também houve alta de 3,7%. No ano passado, o mercado de algodão já havia sido marcado por sustentação dos patamares de preços, que foram 1,5% maiores que em 2016 (gráfico 4).

GRÁFICO 4
Indicador de Preço do Algodão em Pluma Cepea/Esalq (Centavos de R\$ por lp)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



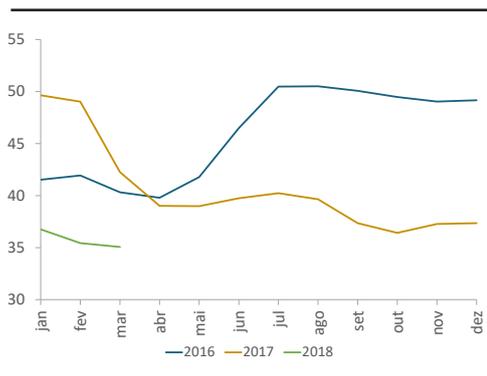
Perspectivas para o algodão

Para os próximos meses, a perspectiva é de sustentação nos preços em função da oferta restrita de algodão em pluma e da demanda internacional aquecida. Diante de preços estáveis, produtores brasileiros aumentam a área plantada. Segundo estimativas da Conab, na safra 2017/2018 a área com algodão no Brasil deve crescer 21,9%, resultando em aumento de 21,8% da produção. O ajuste para cima da produção pode contribuir para uma alta menos acentuada nos preços, a depender da cotação do dólar e da demanda externa.

Os preços do arroz, principalmente no estado do Rio Grande do Sul, recuaram no primeiro trimestre do ano. A chegada da nova safra aumentou a pressão de queda

sobre os valores pagos pelo arroz beneficiado brasileiro, que enfrenta concorrência com o importado. Ainda que o volume importado de arroz no primeiro trimestre de 2018 tenha recuado diante do mesmo período de 2017, o patamar ficou próximo ao observado nos últimos cinco anos para o período (184 mil toneladas), suficiente para influenciar nos preços domésticos. No trimestre anterior, a redução foi de 3,4% e, comparando-se com o mesmo período do ano passado, houve queda expressiva de 24%. Essa dinâmica se adiciona ao movimento de redução já verificado em 2017, quando houve recuo de 11,6% em relação a 2016 (gráfico 5).

GRÁFICO 5
Indicador de preço do arroz em casca
Esalq/Senar-RS
(R\$ por saca de 50 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas para o Arroz

Diante da queda nos preços nos últimos meses, a perspectiva é de menor oferta na temporada 2017/2018. Segundo a Conab, a estimativa é de queda de 3,1% na oferta de arroz sequeiro (diminuição de 1,4% na área, e de 1,7% na produtividade) e de 8,2% na produção de arroz irrigado (recuos de 1,7% na área, e de 6,6% em produtividade). Esses ajustes na produção podem conter a pressão de queda no início do ano.

No que diz respeito aos hortifrutícolas, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que a batata, a banana e a laranja são produtos de destaque na formação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). Em março de 2018, a batata representou 28% do índice de tubérculos, raízes e legumes, enquanto a laranja e a banana, em conjunto, representaram 45% do índice de frutas.² Para esses produtos (banana, laranja e batata), o primeiro trimestre do ano foi marcado por certa recuperação dos preços.

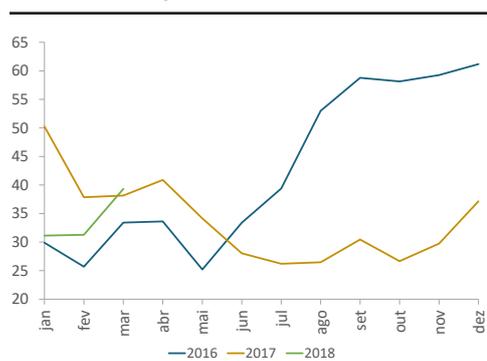
O preço da banana subiu em relação ao último trimestre de 2017 (9%), mas caiu em relação ao mesmo período do ano passado (-19%), depois de apresentar 21% de redução em 2017 em relação a 2016. Apesar do aumento da oferta neste início de ano na maior região produtora da variedade nanica – Vale do Ribeira (São Paulo) –, a disponibilidade nas demais regiões esteve restrita devido ao clima mais seco. Com a menor oferta, de modo geral, os preços subiram ante o último trimestre de 2017. Ainda assim, a oferta no primeiro trimestre de 2018 foi maior que no mesmo período de 2017, quando uma escassez da fruta em janeiro de 2017 impulsionou bastante as cotações (gráfico 6).

No caso da laranja, o primeiro trimestre de 2018 foi de preço estável, mas bem abaixo do mesmo período de 2017. Em relação ao trimestre anterior, o aumento foi de 21%. Já para o primeiro trimestre de 2017, houve redução expressiva de 42%. A sustentação das cotações deveu-se ao período considerado de entressafra,

² Fonte: IBGE – Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo.

quando a oferta de laranja-pera é restrita. Contudo, neste ano, o volume de laranjas do grupo das tardias (variedades valência, natal e folha murcha, por exemplo) foi mais alto do que o normal para o período, justificando o recuo nas cotações de 2017 para 2018 (gráfico 7).

GRÁFICO 6
Preço médio de comercialização da banana nanica de primeira na Ceagesp (R\$/ caixa de 22 kg)



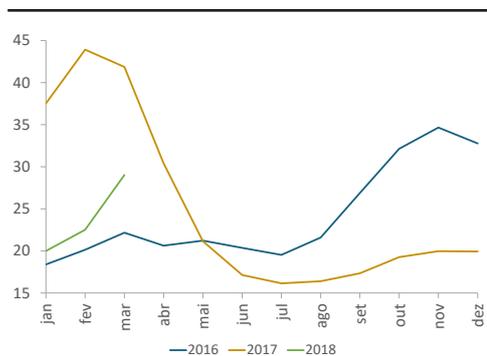
Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas para a Banana

Em abril, houve recuo de preços da banana nanica devido à intensificação dos cortes de cachos no Vale do Ribeira. Porém, a oferta nessa região e nas demais deve se reduzir a partir de maio, o que pode impulsionar as cotações. No entanto, a oferta ainda pode ser expandida no norte de Santa Catarina, mas com um canal adicional de escoamento (exportação) os preços podem seguir estáveis no mercado interno em maio e junho.

GRÁFICO 7
Preço médio da Laranja pera *in natura* - Estado de SP (Em R\$ por saca de 50 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

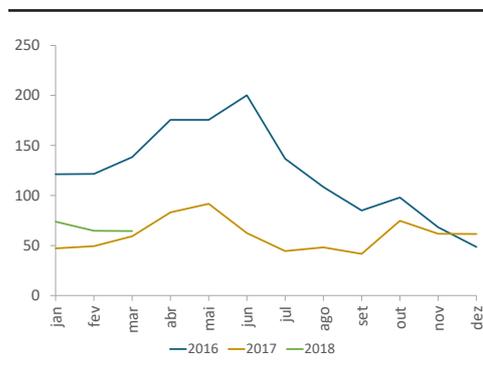


Perspectivas para a Laranja

O trimestre abril/maio/junho deve ser de oferta ainda baixa de laranja-pera. Contudo, o período é de intensificação da colheita das variedades pertencentes ao grupo das precoces (como hamlin, westin e rubi), o que deve impedir grandes aumentos nos preços da laranja-pera. Além disso, apesar da expectativa de uma safra menor em 2018/2019, as variedades precoces podem ter um melhor desempenho produtivo, amenizando o impacto da menor produção nas cotações.

A área colhida com batatas teve recuo no primeiro trimestre de 2018, elevando os preços em relação ao último trimestre do ano passado (3%). Na comparação com o primeiro trimestre de 2017, registrou-se aumento de 30%. Vale lembrar que, em 2017, as cotações recuaram 51% frente a 2016, e os preços ficaram abaixo dos custos de produção em quase todo o ano, como destacado na Carta de Conjuntura no 38. As cotações no primeiro trimestre de 2018 ficaram, na média, próximas aos custos de produção e abaixo das expectativas. No geral, a baixa qualidade de muitos tubérculos também provocou queda dos preços médios (gráfico 8).

GRÁFICO 8
Preço Médio de Comercialização da Batata Ágata Especial no Atacado Paulistano (Ceagesp)
 (Em R\$/saca de 50 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

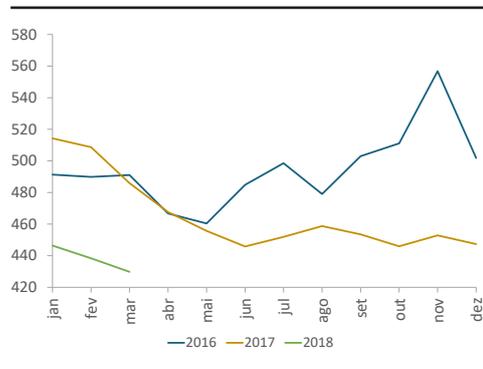


Perspectivas para a Batata

No trimestre abril/maio/junho, a expectativa é de preços estáveis para a batata no final da safra das águas (maio), devido ao final da safra, quando a oferta normalmente se reduz. Já para o início da safra das secas (que vai de maio a julho), a expectativa também é de bons preços nos primeiros meses, já que há redução de área nesse período.

O primeiro trimestre de 2018 começou com os preços do café-arábica em queda no mercado interno. Em comparação com o trimestre imediatamente anterior, a redução foi de 2,3%, e em relação ao primeiro trimestre de 2017, houve redução de 12,9%. Apesar do começo de safra preocupante, devido ao atraso das chuvas, o clima a partir de dezembro de 2017 vem auxiliando no desenvolvimento das lavouras, devendo levar a um aumento na safra neste ano. Essa perspectiva da safra brasileira grande foi o principal motivo do recuo nas cotações (gráfico 9).

GRÁFICO 9
Indicador do Café Arábica Cepea/ESALQ
 (Em R\$ por saca de 60 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas para o Café

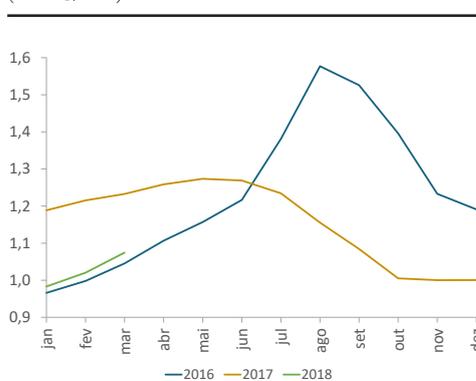
O segundo trimestre de 2018 se caracteriza pelo início da colheita da safra 2018/2019. Há uma expectativa de que, ao final do período, os preços acabem perdendo ainda mais força, uma vez que existe uma estimativa de aumento da safra. Neste cenário, espera-se que os negócios aconteçam à medida que o produtor necessite de caixa para a colheita, mas que voltem a se intensificar apenas no segundo semestre de 2018.

Voltando-se aos produtos de origem animal, o gráfico 10 mostra a evolução do preço do leite recebido pelos produtores. No primeiro trimestre de 2018, os preços aumentaram 2,4% em relação ao trimestre imediatamente anterior, resultado da menor oferta de leite no campo e da maior competição entre indústrias pelo produto. O Índice de Captação Leiteira (ICAP-L) registrou queda acumulada de 3,4% no primeiro bimestre de 2018 (últimos dados disponíveis), um movimento atípico para o período. Os principais motivos foram o desestímulo à atividade, levando à descapitalização dos produtores, o menor nível de investimentos (principalmente

em alimentação) e o aumento do abate de vacas. A demanda, por sua vez, demonstrou modestos sinais de recuperação, viabilizando sucessivas altas nas cotações dos derivados lácteos. No caso do leite UHT negociado diariamente entre indústrias e atacado do estado de São Paulo, houve aumento acumulado de preço de 26,6% no primeiro trimestre. Apesar da grande variação, trata-se de um momento de recuperação do setor, pois os preços negociados nos últimos meses de 2017 estiveram muito baixos. Como apontado na *Carta de Conjuntura nº 38*, na média de 2017, eles ficaram 5,9% menores do que os de 2016 (em termos nominais). Menciona-se que, em comparação com o primeiro trimestre de 2017, os preços do leite em 2018 estão em menor patamar, com redução de 15,4%.

Quanto às perspectivas, espera-se que a oferta de leite no campo continue decrescendo nos próximos meses, em virtude do avanço do período de entressafra (tipicamente, entre março/abril e setembro/outubro). A captação pode ainda ser afetada pelo aumento no preço dos grãos, já que o fornecimento de ração é importante para manutenção da produção, sobretudo no período de entressafra. Entretanto, pesquisas do Cepea indicam que o consumo ainda está se recuperando, evidenciando uma limitada capacidade de absorção das consecutivas elevações de preços em pouco tempo. Existe então a possibilidade de uma alta de preços ao produtor a partir de maio ser mais tímida do que a verificada nos meses anteriores – cenário que dependerá da intensidade da queda da captação na entressafra.

GRÁFICO 10
Preço do leite recebido pelo produtor - preço líquido (sem frete e impostos)
(Em R\$/litro)



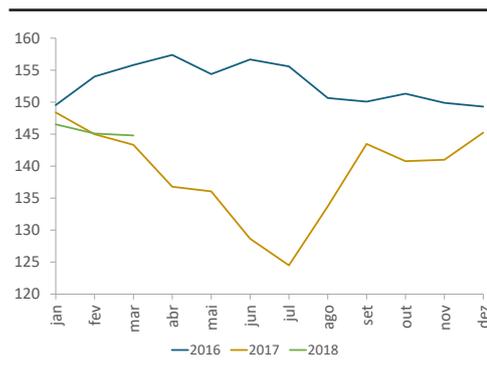
Fonte: Cepea/Esalq/USP.

Com a lenta recuperação da economia brasileira, o poder de compra do consumidor doméstico ficou comprometido, resultando em demanda enfraquecida por carne bovina no primeiro trimestre de 2018. O consumo interno não mostrou reação nem mesmo passado o primeiro bimestre, período caracterizado pelas despesas extras da população. O bom desempenho das exportações, no entanto, impediu que as expectativas de aumento de preços, alimentadas pelo setor no início do ano, fossem completamente frustradas. Apesar das dificuldades de vendas no mercado interno, o volume recorde de carne bovina *in natura* embarcado pelo Brasil no início do ano deu relativa sustentação aos preços da arroba bovina e, de forma mais amena, aos da carne. Na comparação com o último trimestre de 2017, o valor médio da arroba de boi teve acréscimo de 2,3%. No mesmo período, a carne bovina teve ligeiro aumento de 0,6% (gráfico 11).

Os preços do mercado suinícola estiveram em baixa nos primeiros meses de 2018. De janeiro a março as cotações do animal vivo tiveram queda de 13% em relação ao trimestre anterior e de expressivos 24% frente ao mesmo período de 2017. Já

para a carcaça especial, o recuo foi de 12% em relação ao registrado no trimestre passado, e 21% para o período de janeiro a março de 2017. Os elevados preços dos insumos utilizados na atividade e as reduções das exportações para importantes mercados, especialmente Rússia, elevaram significativamente a oferta no mercado interno, pressionando os preços da carne e do animal vivo no trimestre (gráfico 12).

GRÁFICO 11
Preço da Arroba do Boi Gordo
(Em R\$/arroba)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas quanto à Carne Bovina

Diante do cenário verificado no início do ano, bem como do aumento registrado em itens que compõem o custo de produção da engorda, tais como boi magro, milho e soja, o momento de decidir sobre o volume de animais a ser engordado em confinamento é caracterizado por maior cautela e dúvidas por parte dos pecuaristas. Com isso, há indefinição do volume de animais responsável por abastecer o mercado no segundo semestre.

GRÁFICO 12
Carcaça Especial Suína no Atacado da Grande São Paulo
(R\$/kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



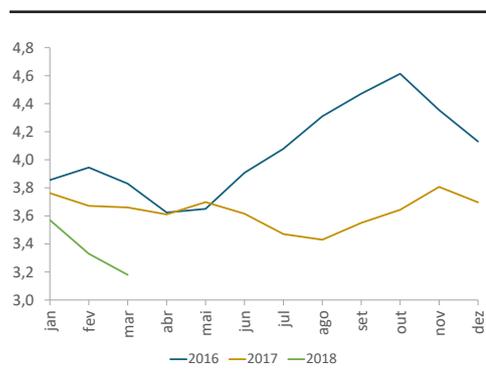
Perspectivas para a carne suína

A possibilidade de abertura de novos mercados, como Coreia do Sul e Peru, e a intensificação de remessas para países que já são grandes parceiros comerciais mantêm agentes da cadeia otimistas. Além disso, com temperaturas mais amenas, espera-se também uma melhora do consumo interno nos próximos meses.

No primeiro trimestre de 2018, a avicultura de corte foi marcada por muitos reveses. Além das dificuldades na gestão de custos, em função dos altos preços de insumos para ração animal, retrações do consumo doméstico e de compradores internacionais pressionaram o setor neste início de ano. A maior oferta de animais, observada, desde o final de dezembro de 2017, refletiu em quedas expressivas nas cotações tanto do animal vivo como da carne. No caso da carne, a redução frente ao trimestre anterior foi de 10%, e frente ao primeiro trimestre de 2017 foi de 9% (gráfico 13).

GRÁFICO 13

Preço do Frango Abatido (Inteiro Resfriado) no estado de São Paulo (R\$/kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



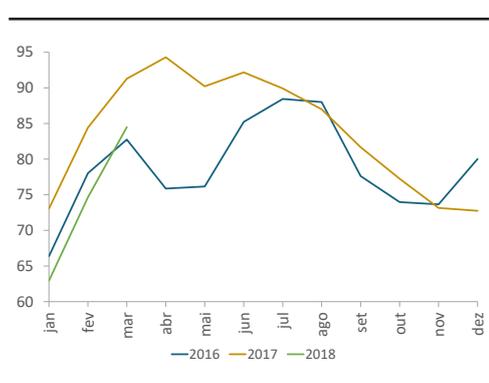
Perspectivas para a carne de Frango

A expectativa de melhora no setor provém da rápida capacidade de reprogramação de abate na cadeia, uma vez que o ciclo de produção é curto. Com as sucessivas quedas nos preços da carne e do animal vivo, a tendência é de redução no alojamento de pintainhos a fim de se reduzir a atual sobreoferta de carne e de aves para abate.

Os preços dos ovos comerciais aceleraram ao longo do primeiro trimestre de 2018, mas a média do trimestre ficou estável frente à do trimestre anterior. No entanto, no comparativo com o mesmo período de 2017, houve queda de 11%. A elevação da demanda doméstica em função do período da Quaresma contribuiu para impulsionar as vendas do produto no trimestre, mas não o suficiente para superar as cotações de janeiro a março do ano passado, quando a oferta de ovos esteve menor em decorrência do típico período de descartes e das altas temperaturas que levaram muitas galinhas à mortandade (gráfico 14).

GRÁFICO 14

Indicador de preços de Ovos Cepea – tipo extra branco (Em R\$/caixa com 30 dúzias). Bastos (SP).



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas - Ovos

Com o fim da Quaresma, período em que as vendas ficam tradicionalmente mais aquecidas, o mercado de ovos comerciais tende a sinalizar estabilidade, operando em patamares de preços mais baixos. Além disso, o consumo do produto é apenas modestamente afetado pela renda, o que deve manter suas cotações com pouca oscilação ao longo do ano.

2 Comércio Externo e Mercado Internacional³

As tabelas 1 e 2 apresentam os dados de exportação dos principais produtos agropecuários e agroindustriais para o período de 2016 a 2018, para o acumulado no ano até abril, tanto em valor como em quantidade, com base na classificação Prin-

³ Esta seção foi elaborada por Marcelo José Braga Nonnenberg (Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas – Dimac/Ipea) e por Ana Cecília Kreter (Dimac/Ipea).

cipais Produtos de Exportação, elaborada pela Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (SECEX/MDIC).



As exportações de soja, em valor, até abril, ficaram praticamente no mesmo nível alcançado no mesmo período do ano passado, por sua vez, 26% superior ao observado no mesmo período de 2016. A quantidade exportada ficou um pouco inferior ao exportado no mesmo período do ano passado, devido ao atraso no início da colheita no Brasil. Entretanto, não comprometerão o desempenho da produção do grão. Como as exportações começam a aumentar efetivamente em março, esse valor ainda não está captando o potencial de crescimento das exportações desse produto em 2018. Mais de três quartos da safra já devem ter sido colhidos, e a previsão mais recente da Conab é de uma safra de cerca de 115 milhões de toneladas, 0,8% superior à do ano passado, numa área 3,5% maior.

Outro fator que pode contribuir para o aumento das exportações de soja é a mudança na tarifa de importação para 106 produtos americanos por parte do governo chinês, entre eles, a soja. Até o dia 26 de abril, a China cancelou a compra de aproximadamente 196 mil toneladas de soja norte-americana. Apesar de a Associação Brasileira dos Produtores de Soja (Aprosoja) se mostrar cautelosa quanto ao aumento da participação do Brasil no mercado asiático, tanto o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (United States Department of Agriculture – USDA) quanto a Conab apontam o país como o principal fornecedor a partir dessa mudança política, mesmo sabendo que o Brasil não tem condições de atender aos mercados interno e internacional ao mesmo tempo. Além disso, o longo período de seca na Argentina entre os meses de janeiro a março deve reduzir em 13 milhões de toneladas a expectativa de produção do grão. Esses dois fatores parecem estar afetando os preços, que estão cerca de 10% maiores em abril deste ano do que no mesmo período do ano passado, comportamento atípico para este período, já que o Brasil – segundo maior produtor de soja do mundo – iniciou em janeiro a colheita. Em contrapartida, farelos e resíduos de soja apresentaram forte crescimento tanto com relação a 2016 (+23%) quanto com relação a 2017 (+18,9%), e um pouco menos na variação em quantidades, 8,2% e 16,8%, respectivamente, revelando o aumento verificado nos preços desse produto.

O USDA estima que a quantidade de soja mundial exportada será reduzida em 2 mil toneladas, apontando que as maiores exportações serão feitas por Brasil, Rússia e Ucrânia para compensar a queda na exportação da Argentina e do Uruguai. Os estoques finais globais de soja devem cair 3,6 milhões de toneladas, com reduções principalmente na Argentina, no Brasil e na União Europeia. Diante desse cenário, a Conab acredita que as exportações vão aumentar e os preços internos seguirão em alta.

As exportações de celulose, em valor, tiveram um forte crescimento este ano, tanto na comparação com 2016 (+45,6%) quanto com 2017 (+48,9%), levando o produto do quarto para o segundo lugar nesse grupo de produtos. O crescimento das quantidades foi bem inferior, sendo 17,9% com relação ao mesmo período

de 2016, e 15,6% com relação a 2017, indicando ter havido um forte aumento de preços.



As exportações de carne de frangos, em valor, cresceram 4,1% na comparação com 2016, mas caíram 9% em relação a 2017, sempre nos primeiros quatro meses do ano. Em quantidade, a queda foi maior e ocorreu nos dois períodos, de 10,4% em relação a 2016, e 6,2% em relação a 2017. Essa queda se deu principalmente em abril, apesar de já ter ocorrido ligeiramente nos meses anteriores. No primeiro trimestre deste ano, por exemplo, as quantidades exportadas ficaram 2,1% abaixo do observado no mesmo período do ano passado, mas com valores praticamente estáveis em ambos os períodos. Portanto, as vendas externas de carne de frango parecem ter sido bastante afetadas pelos problemas apontados em alguns frigoríficos em março, que resultaram inicialmente em uma suspensão das exportações brasileiras e, em seguida, pela proibição das compras decretadas pela União Europeia e, provavelmente, continuarão a prejudicar nossas exportações até que os problemas apontados sejam solucionados. Além disso, ao contrário da expectativa inicial, as vendas para a União Europeia, ao menos até o momento, não foram substituídas por outros mercados, e talvez outros países anunciem embargos proximamente.

As exportações de carne bovina, ao contrário, apresentaram uma forte elevação nos primeiros quatro meses deste ano, tanto na comparação com igual período de 2016 quanto com 2017. Em valor, os aumentos foram de 9,6% e 15,3%, respectivamente, com relação a 2016 e 2017, ao passo que em quantidades esses percentuais foram de 11,2% e 24,6%.

Açúcar e café apresentaram quedas acentuadas das exportações nos primeiros quatro meses do ano, especialmente no primeiro, com redução de 37% em valores, e de 20,3% em quantidades, com relação ao mesmo período de 2017. Essa queda, como se vê, refletiu tanto na redução das quantidades quanto nos preços desse produto. No caso do café, a redução foi bem menos acentuada – 10,9% com relação a 2017.

O milho, por sua vez, teve um comportamento bastante errático. Após cair 60,6% na comparação com 2016, aumentou 98,7% em relação ao ano passado, sempre nos primeiros quatro meses do ano. Isso pode ter ocorrido devido à redução da área plantada na segunda safra 2017/2018 no Brasil, na Argentina e no Paraguai, redução decorrente dos baixos preços pagos ao produtor na safra anterior. Como consequência, o USDA prevê uma queda na produção de 5,9 milhões de toneladas para esses três países – 2,5 milhões de toneladas no Brasil e 1 milhão de toneladas na Argentina. Nesta época do ano é comum o ritmo das exportações brasileiras desacelerar para dar prioridade ao embarque da soja nos portos. A recuperação das exportações de milho deve ocorrer a partir de julho-agosto com a colheita da segunda safra. Com o recuo dos países da América do Sul e a produção norte-americana estável, os Estados Unidos acreditam no aumento de sua participação no mercado internacional. No Brasil, mesmo com uma previsão de queda de produção na safra 2017/2018 em comparação com a safra anterior, a Conab recalculou a estimativa da produção de milho com um incremento de 1,34 milhão de toneladas,

desta forma, reduzindo a magnitude da queda. Ainda de acordo com a instituição, essa produção garante estabilidade nos estoques para o atendimento da demanda brasileira de milho – processados e ração. Já o USDA acredita que a redução na produção de milho na América do Sul aumentará a competitividade dos Estados Unidos, assegurando um ritmo de vendas e embarques de exportação mais forte no segundo trimestre de 2018.

No conjunto, as exportações de produtos agroindustriais nos primeiros quatro meses do ano foram 7,9% superiores às do mesmo período de 2016, e 3,2% acima do mesmo período do ano passado.

TABELA 1

Valor das exportações segundo classificação dos Principais Produtos Exportados (PPE) – produtos agroindustriais (2016-2018)

(Em US\$ milhões)

PPE	2016	2017	2018	2018/2016	2018/2017
Soja mesmo triturada	7.320	9.251	9.235	26,2%	-0,2%
Celulose	1.908	1.865	2.777	45,6%	48,9%
Farelo e resíduos da extração de óleo de soja	1.625	1.680	1.998	23,0%	18,9%
Carne de frango congelada, fresca ou refrig.incl.miudos	1.821	2.083	1.896	4,1%	-9,0%
Carne de bovino congelada, fresca ou refrigerada	1.443	1.371	1.581	9,6%	15,3%
Acucar de cana, em bruto	1.843	2.398	1.500	-18,6%	-37,4%
Cafe cru em grão	1.492	1.604	1.428	-4,2%	-10,9%
Milho em grãos	2.019	400	795	-60,6%	98,7%
Demais produtos	5.794	5.772	6.056	4,5%	4,9%
Total geral	25.264	26.424	27.266	7,9%	3,2%

Fonte dos dados primários: Secex

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 2

Quantidade de exportações segundo classificação PPE – produtos agroindustriais (2016-2018)

(Em mil toneladas)

PPE	2016	2017	2018	2018/2016	2018/2017
Soja mesmo triturada	20.892	23.833	23.501	12,5%	-1,4%
Celulose	4.461	4.550	5.259	17,9%	15,6%
Farelo e resíduos da extração de óleo de soja	4.951	4.590	5.358	8,2%	16,8%
Carne de frango congelada, fresca ou refrig.incl.miudos	1.321	1.262	1.183	-10,4%	-6,2%
Carne de bovino congelada, fresca ou refrigerada	374	334	416	11,2%	24,6%
Acucar de cana, em bruto	6.274	5.588	4.455	-29,0%	-20,3%
Cafe cru em grão	610	551	546	-10,4%	-0,9%
Milho em grãos	12.204	2.336	4.996	-59,1%	113,9%
Demais produtos	5.711	5.147	5.223	-8,6%	1,5%
Total geral	56.798	48.190	50.938	-10,3%	5,7%

Fonte dos dados primários: Secex

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Até abril, como mostram as tabelas 3 e 4, o valor das importações de trigo, que é o principal produto de importação desse grupo, havia crescido 9,4% na comparação com 2017, e 17,1% na comparação com 2016. Em quantidades, esses percentuais foram, respectivamente, de 4,3% e 20,3%. No entanto, a América do Sul deve enfrentar queda na produção. Apesar de a Argentina – principal fornecedora de trigo para o Brasil – ter iniciado o plantio no mês de maio, como previsto, a expectativa é de que haja perdas devido à seca. Segundo o governo argentino, em algumas regiões a queda na colheita pode chegar a 50%. Por enquanto, as indústrias brasileiras estão priorizando as aquisições do trigo nacional, dado que o preço do trigo argentino segue em alta. De acordo com a Conab, caso essa queda na produção da Argentina se concretize, o Brasil poderá recorrer à safra americana para abastecer o mercado interno. Entretanto, importar dos Estados Unidos pode não ser uma

boa opção, já que o aumento dos custos poderá impactar no preço dos produtos finais à base de farinha de trigo, como pães e bolos. Para a safra 2018 a previsão da Conab é de que a produção de trigo fique 9,2% acima da do ano passado. Nesse cenário, é bem possível que as importações ao final do ano sejam inferiores às do ano passado.

As importações de salmão, em valor, nos primeiros quatro meses do ano, ficaram bem acima do registrado no mesmo período de 2016, mas um pouco abaixo do de 2017. As importações de azeite de oliva tiveram um forte crescimento nos primeiros quatro meses do ano, com relação ao ano anterior, tanto em valor como em quantidade. As dos demais semimanufaturados (que são constituídos basicamente de produtos agroindustriais) aumentaram 31% em valor na comparação com o mesmo período do ano passado, mas caíram 26,6% em quantidade, o que pode ser explicado por ser um grupo bastante heterogêneo. No conjunto, as importações em valor caíram 4,6% com relação ao mesmo período do ano passado e, em quantidade, 14,6%. Isso porque o peso dos demais produtos, que tiveram queda de 16,2% em valor e 37,3% em quantidade, é muito grande.

TABELA 3

Valor das importações segundo classificação dos Principais Produtos Importados (PPI) – produtos agroindustriais (2016-2018)

(Em US\$ milhões)

PPI	2016	2017	2018	2018/2016	2018/2017
Trigo em grãos	360	385	421	17,1%	9,4%
Salmões-do-pacífico, etc.frescos,refrig.exc.filés,etc.	128	182	170	33,1%	-6,6%
Produtos hortícolas preparados/conserv.em ácido acético	157	155	159	1,1%	2,5%
Azeite de oliva, virgem	61	82	146	137,7%	76,7%
Borracha natural, balata, guta-percha, guaiule, chicle, etc.	88	122	127	44,4%	4,2%
Demais produtos semimanufaturados	118	97	127	7,3%	31,0%
Malte inteiro ou partido, não torrado	131	108	124	-5,4%	15,3%
Vinho de uvas	67	82	102	52,4%	24,1%
Demais produtos	1.490	1.864	1.561	4,8%	-16,2%
Total Geral	2.600	3.078	2.937	13,0%	-4,6%

Fonte dos dados primários: Secex

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 4

Quantidade de importações segundo classificação PPI – produtos agroindustriais (2016-2018)

(Em mil toneladas)

PPI	2016	2017	2018	2018/2016	2018/2017
Trigo em grãos	1.843	2.125	2.216	20,3%	4,3%
Salmões-do-pacífico, etc.frescos,refrig.exc.filés,etc.	24	23	27	12,8%	17,2%
Produtos hortícolas preparados/conserv.em ácido acético	159	161	164	3,4%	2,1%
Azeite de oliva, virgem	12	16	24	100,2%	46,2%
Borracha natural, balata, guta-percha, guaiule, chicle, etc.	70	66	81	15,4%	22,9%
Demais produtos semimanufaturados	69	111	82	17,6%	-26,6%
Malte inteiro ou partido, não torrado	235	207	242	2,6%	16,7%
Vinho de uvas	20	29	29	45,1%	0,8%
Demais produtos	1.636	2.310	1.448	-11,5%	-37,3%
Total Geral	4.068	5.048	4.312	6,0%	-14,6%

Fonte dos dados primários: Secex

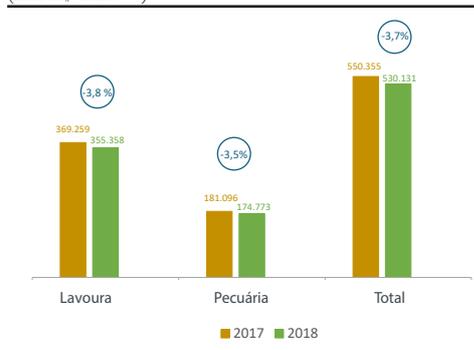
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

3 Nível de Atividade e Emprego

3.1 Valor bruto da produção ⁴

A estimativa do valor bruto da produção (VBP) de 2018, realizada com base nas informações de março, indica um valor de R\$ 530,1 bilhões, 3,7% abaixo do obtido em 2017. O valor das vinte principais lavouras foi de R\$ 355,4 bilhões, e o da pecuária, R\$ 174,8 bilhões. As lavouras e a pecuária sofreram redução de 3,8% e de 3,5%, respectivamente, do VBP. Apesar dos valores de produção menores em relação ao ano de 2017, há tendência de recuperação, pois as informações têm indicado sinais de aumento

GRÁFICO 15
Comparativo VBP Agropecuária - previsão para 2018 versus observado em 2017
(Em R\$ milhões)



Fonte e elaboração: SPA/MAPA

do valor com o passar dos meses. Embora tenha havido redução do valor em fevereiro relativamente a janeiro, o mês de março apresentou variação positiva em relação a fevereiro. Isso pode indicar tendência de recuperação no decorrer do ano. A direção dos resultados dependerá dos preços dos produtos e do milho de segunda safra. As ocorrências de secas afetando a produção de milho de segunda safra em algumas regiões podem alterar os resultados deste ano.

Os melhores resultados em 2018 são os seguintes: *i*) algodão, com aumento do VBP de 20,9% em relação ao ano passado; *ii*) cacau, 8,7%; *iii*) mamona, 68,5%; *iv*) soja, 3,8%; *v*) batata-inglesa, 3,4%; *vi*) café, 2,0%; *vii*) tomate, 32,7%; e *viii*) trigo, 37,3% (ver tabela 1A, no anexo). Todas essas variações são reais.

Outro grupo de produtos tem apresentado redução de valor, entre os quais destacam-se o arroz, a cana-de-açúcar, o café, o milho, a laranja e a mandioca. Como representam parte expressiva do valor da produção total, têm forçado para baixo o VBP deste ano. Esse efeito foi ampliado pela redução de valor da carne de frango, da carne suína e do leite, que também estão tendo pior desempenho. As carnes de frango e suína vêm sofrendo o impacto de preços externos mais baixos em 2018, daí seu faturamento menor. Os preços da carne bovina no período janeiro-maio de 2018 em relação ao mesmo período de 2017 encontram-se no mesmo nível (Cepea/USP, 2018).

Destacam-se alguns produtos que têm apresentado forte recuperação dos preços reais, entre os quais, ovos (16,9%), algodão (4,8%), batata-inglesa (15,4%) e tomate (30,6%).

Os dados regionais mostram que o Centro Oeste lidera as demais regiões na geração de valor da produção, seguido pelo Sul, Sudeste, Nordeste e Norte (tabela 2A, em anexo). Entre os estados, Mato Grosso, Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul são os cinco com os maiores valores da produção neste ano.

⁴ Esta subseção foi produzida por José Garcia Gasques e Eliana Teles Bastos (Secretaria de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – SPA/MAPA).

3.2 Produto interno bruto (PIB) agropecuário: indicador mensal e previsão para 2018⁵



Após o forte crescimento de 13% em 2017, o setor agropecuário deve exercer impacto negativo no desempenho do PIB em 2018. Segundo o indicador Ipea de PIB Agropecuário, o setor apresentou trajetória decrescente nos meses de janeiro a março, na série livre de efeitos sazonais. Ainda assim, encerrou o primeiro trimestre de 2018 com alta de 0,7% na comparação com o último trimestre de 2017 (tabela 5 e gráfico 16).⁶ Entre os seus componentes, o destaque positivo ficou por conta da lavoura, que avançou 1,9% na margem.

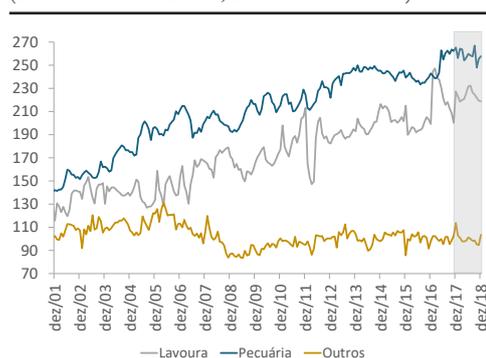
Já na comparação com o mesmo período do ano anterior, os resultados apontam desaceleração. A queda de 7,6% em março foi explicada pelo mau desempenho dos componentes lavoura e outros, que recuaram 8,1% e 7%, respectivamente. Com isso, o indicador de agropecuária encerrou o primeiro trimestre de 2018 com retração de 6,3% em relação ao mesmo período do ano passado.

TABELA 5
Indicador Ipea de PIB Agropecuário e Componentes
(Em %)

	Mês/Mês anterior dessazonalizado				Mês/Igual Mês do ano anterior				Acumulado	
	Jan./18	Fev./18	Mar./18	TRI	Jan./18	Fev./18	Mar./18	TRI	no ano	Em 12 Meses
Agropecuária	-3,0	-0,3	-0,9	0,7	0,1	-8,1	-7,6	-6,3	-6,3	4,9
Lavoura	0,2	1,2	0,1	1,9	-8,3	-11,6	-8,1	-9,4	-9,4	4,5
Pecuária	-3,3	4,2	0,7	0,3	8,7	11,3	4,3	8,0	8,0	8,5
Outros	-8,3	-2,6	-3,1	-2,9	3,3	-1,0	-7,0	-1,8	-1,8	-0,7

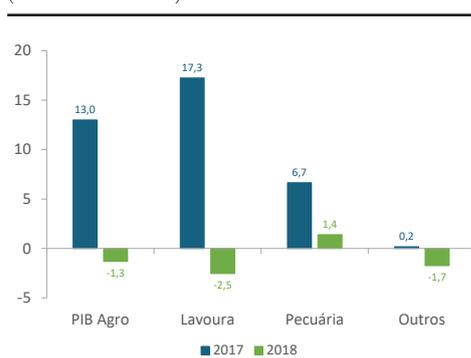
Fonte: Ipea.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 16
Indicador Ipea de PIB agropecuário e componentes
(dez./2001-dez./2018)
(Índices dessazonalizados, média de 1995 = 100)



Fonte: Ipea.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 17
PIB do setor agropecuário por segmento – taxas de crescimento (2017 versus previsto para 2018)
(Em % ao ano – a.a.)

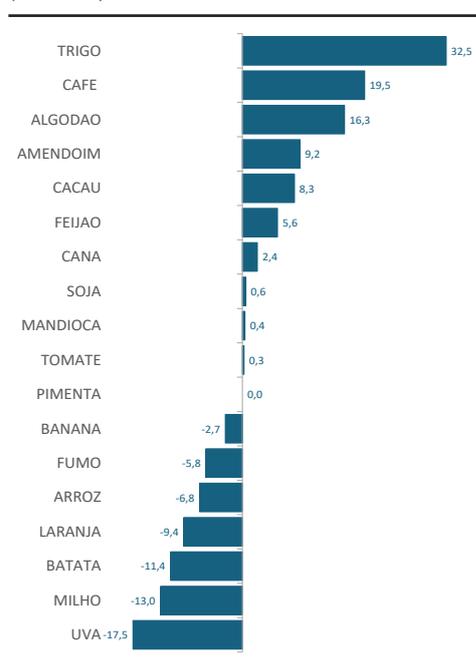


Fonte: Ipea.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

⁵ Subseção elaborada por Leonardo Melo de Carvalho e Marco Antônio F. H. Cavalcanti, ambos da Dimac/Ipea.
⁶ A metodologia do indicador é descrita em nota técnica da [Carta de Conjuntura n.º 36](#).

O Ipea estima uma queda de 1,3% para o PIB agropecuário em 2018, levando em conta os dados do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) de abril deste ano, do IBGE, das informações também do IBGE sobre bovinos e outros animais vivos, leite, ovos de galinha, pesca e aquicultura, e com base em modelos econométricos de séries de tempo. Este resultado é explicado pelas quedas na lavoura (2,5%) e em outros (1,7%), que são parcialmente compensados pelo aumento de 1,4% previsto para a pecuária (gráfico 17). Entre os principais produtos da lavoura, os destaques positivos ficam por conta das safras de trigo e café, com estimativas de crescimento de 32,5% e 19,5%, respectivamente. No entanto, a safra de milho deverá recuar 13% (gráfico 18).

GRÁFICO 18
Principais produtos da lavoura – crescimento projetado em 2018
(Em % a.a.)



Fonte: IBGE/LSPA.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

3.3 Renda e emprego no agronegócio: insumos, primário, agroindústria e agrosserviços⁷

As estimativas de variação interanual do PIB-volume do agronegócio, consideradas informações até janeiro de 2018, apontam para um crescimento de 5,79%, conforme os cálculos do Cepea/Esalq/USP, feitos em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). O cenário esperado para 2018 é de menor produção no segmento primário, mas essa redução deve ocorrer frente a um patamar recorde de produção obtido em 2017. Segundo a Conab, ainda que se espere que a safra brasileira de grãos vá diminuir em 2018, recuando 2,1% frente a 2017, ainda será a segunda maior safra da história. Como contraponto, espera-se aumento relevante da produção para algodão, café, trigo e madeira, e também certo aumento para a soja (produto de maior relevância na formação do PIB do segmento). Em contrapartida, nos elos agroindustriais e de agrosserviços do agronegócio, espera-se aumento do PIB-volume em 2018, resultado da recuperação econômica brasileira e de uma demanda externa aquecida para algumas agroindústrias.

O agronegócio é entendido como a soma de quatro segmentos: insumos para a agropecuária; produção agropecuária básica, ou primária; agroindústria (processamento); e agrosserviços.

⁷ Esta subseção foi produzida por Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Nicole Rennó Castro, Leandro Gilio, Ana Carolina de Paula Moraes e Marcelo Luiz de Souza Junior – todos do Cepea/Esalq/USP.

Além das variações em volume do PIB, o Cepea/USP também calcula, em parceria com a CNA, as variações de preços relativos e do PIB-renda do agronegócio e de seus segmentos. A tabela 6 mostra a variação interanual estimada para esses indicadores.

TABELA 6

Varição prevista para o PIB-renda e os preços relativos do agronegócio de 2018

(Em %, com informações até janeiro de 2018)

	Preços Relativos*	PIB-renda do Agronegócio
Agronegócio Total	-6,38	-0,96
- Insumos	-0,40	6,31
- Primário (Agropecuária)	-20,26	-21,04
- Agroindústria	0,56	10,91
- Agrosserviços	-4,24	2,24

Fonte: Cepea/USP e CNA, com base em dados próprios e IBGE, Conab, Associação Nacional para Difusão de Adubos (ANDA), Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal (Sindiveg) e Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (ANFAVEA).

Nota:

* Comparação entre os deflatores do PIB do agronegócio e do PIB da economia toda.

Quanto aos preços do agronegócio, avaliando-se dados de janeiro de 2018, verifica-se recuo de 6,38% para os preços relativos do setor, em comparação com o mesmo bimestre de 2017. Esse valor é influenciado principalmente pela baixa de 20,26% nos preços relativos do segmento primário (também frente ao mesmo período de 2017). Os produtos acompanhados no segmento primário do PIB do agronegócio, que se destacaram com reduções de preço em comparação com o mesmo período de 2017, foram: arroz, banana, café, cana-de-açúcar, feijão, laranja e milho, no caso da agricultura, e avicultura (corte e postura), leite e suínos, no caso da pecuária. No entanto, avalia-se que tal resultado ainda se trata de um efeito inercial dos baixos preços de 2017. Ao longo de 2018, espera-se recuperação nas cotações para várias atividades, diante da expectativa de menor oferta com relação a 2017 e também de recuperação da demanda interna, o que deverá alterar este cenário atual.

Diante da desvalorização de preços, estima-se retração anual de 0,96% no PIB-renda do agronegócio, com redução de 21,04% para o segmento primário, e crescimento para os demais segmentos. O PIB-renda do agronegócio reflete a renda relativa do setor, sendo consideradas no cálculo tanto as variações de volume quanto as de preços relativos do setor.

Quanto ao mercado de trabalho do agronegócio, o número de pessoas ocupadas⁸ no primeiro trimestre de 2018 manteve-se praticamente estável frente ao mesmo trimestre de 2017. Mas, esse cenário resultou de dinâmicas distintas dentro do setor, com recuperação dos empregos nos elos industriais e de agrosserviços, e queda no segmento primário (tabela 7). Considerados os segmentos de insumos, agroindústria e agrosserviços, houve um incremento superior a 200 mil pessoas ocupadas, ao se comparar o primeiro trimestre de 2018 com o primeiro de 2017.

⁸ Seguindo procedimento do IBGE na PNAD Contínua, as estimativas para o mercado de trabalho do agronegócio feitas pelo Cepea não consideram como pessoa ocupada aqueles que desenvolveram trabalhos na produção para o próprio consumo.

TABELA 7

Varição no total de pessoas ocupadas no agronegócio e em seus segmentos

Segmento / Variação na quantidade de pessoas ocupadas	1º tri 18 / 1º tri 17
Insumos	6,6%
Primário	-1,7%
Agroindústria	2,3%
Agrosserviços	2,0%
Total agronegócio	0,4%

Fonte: Cepea/USP, a partir de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua Trimestral (IBGE) e da Relação Anual de Informações Sociais – Rais (Ministério do Trabalho – MTE).

Essa dinâmica dos empregos nas agroindústrias é similar à observada na indústria de transformação como um todo no Brasil. De acordo com dados da PNAD Contínua do IBGE, no primeiro trimestre de 2018, aumentou em 2,21% o número de pessoas ocupadas na indústria de transformação em comparação com o primeiro trimestre de 2017. Mas, respondendo a fatores como sazonalidade e recuperação lenta da economia, na comparação com o último trimestre de 2017 o movimento foi de baixa (-2,58%).

A tabela 8 apresenta as variações dos empregos no agronegócio por categorias de posição na ocupação e categorias de emprego e por níveis de instrução. Seguindo a tendência já observada em 2017 (na comparação com 2016), aumentou no agronegócio o número de empregados sem carteira assinada e de empregadores. A redução dos empregos com carteira assinada frente aos do mercado informal também tem sido uma tendência da economia como um todo, conforme dados e informações do IBGE.

Pela ótica dos níveis de instrução, as primeiras variações no número de ocupados no agronegócio em 2018 seguem a tendência já verificada em 2017, com o aumento do número de ocupações diretamente relacionado ao nível de instrução. Para ocupados no setor sem nenhuma instrução, a redução foi de 21% em relação ao primeiro trimestre de 2017. No outro extremo, para ocupados com ensino superior (completo ou incompleto), houve aumento de 5,7%.

TABELA 8

Varição no total de pessoas ocupadas no agronegócio por grupos de posição na ocupação e categorias de emprego e por categorias de grau de instrução

	Categorias	1º tri 18 / 1º tri 17
Posição na ocupação e categorias de emprego	Empregado c/ carteira	-0,4%
	Empregado s/ carteira	4,4%
	Empregador	7,3%
	Conta-própria	-0,3%
	Outros*	-3,5%
Categorias de grau de instrução	Sem instrução	-21,0%
	Fundamental**	1,1%
	Médio**	3,5%
	Superior**	5,7%

Fonte: Cepea/USP, a partir de dados da PNAD Contínua Trimestral (IBGE) e da Rais (MTE).

Notas:

* Outros inclui as categorias militar e servidor estatutário, e trabalhador familiar auxiliar.

** Completo e incompleto.

4 Produção de Insumos Agrícolas

4.1 Máquinas agrícolas⁹

A produção de máquinas agrícolas até o 1o quadrimestre aproximou-se da casa de 16 mil unidades, conforme ilustrado na tabela 10.¹⁰ Este montante representou recuo de 2% sobre igual período de 2017, mas expansão de 3% quando comparado à média de produção do mesmo período de 2015-2017.

Em relação às exportações, ambas as comparações foram positivas para a conjuntura atual, sobretudo em relação à média do mesmo período de 2015-2017. Fato oposto foi verificado em termos das vendas totais, menores no primeiro quadrimestre de 2018 que na média de iguais períodos de anos anteriores.

Para a avaliação dos dados de consumo aparente, utilizou-se uma *proxy* vez que os dados originais da ANFAVEA não reportam os dados de importações de máquinas. A proxy foi calculada a partir das vendas de máquinas importadas.¹¹ Neste indicador observou-se recuo frente a igual período de 2017 (-7%) e um comportamento praticamente estável (-2%) quando comparado à média de produção do mesmo período de 2015-2017.

TABELA 9

Indicadores do segmento de máquinas agrícolas, e comparativos

Período	Produção	Exportação	Vendas Totais	Consumo Aparente
Jan-Abr/2018	15722	3225	11219	12530
Jan-Abr/2017	16012	2625	12308	13420
Média [Jan-Abr/2015-2017]	15290	2525	12518	12808
Comparativos	Var.%	Var.%	Var.%	Var.%
Jan-Abr/2018 x Jan-Abr/2017	-2%	23%	-9%	-7%
Jan-Abr/2018 x Média [Jan-Abr/2015-2017]	3%	28%	-10%	-2%

Fonte: ANFAVEA. Elaboração: Dirur/Ipea.

Obs.: Estão contempladas informações de produção, exportação, consumo aparente e vendas de máquinas agrícolas, no total de veículos, e também por classe de maquinário. Como opção metodológica, as retroscavadeiras foram excluídas do cálculo das máquinas agrícolas, pois em regra são utilizadas para uso rodoviário, e não precipuamente na operação das safras.

De modo geral, os indicadores mostram certa estabilidade na comparação com a média do mesmo período de 2015-2017, exceto para exportação e vendas totais. Já as avaliações exclusivamente relativas a igual período do ano passado exibem algum recuo, salvo os resultados marcadamente superiores das exportações no ano em curso, até o momento.

No âmbito da produção de máquinas agrícolas por categoria de veículo (tabela 10) verificou-se, para os tratores de rodas, recuo mínimo (-3%) na comparação contra a média 2015-2017, e queda de 7% na comparação com igual período do ano passado. Reduções proporcionalmente maiores foram registradas no segmento de colhedoras de cana, possivelmente associadas à dinâmica e conjuntura específicas do setor sucroalcooleiro.

⁹ Subseção escrita por Rogério Edivaldo Freitas. Técnico de planejamento e pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais (Dirur) do Ipea. E-mail: <rogerio.freitas@ipea.gov.br>. O texto contempla informações que se estendem até abril de 2018.

¹⁰ A análise do segmento de máquinas agrícolas empregou dados da ANFAVEA, compreendendo dados do primeiro quadrimestre de 2018 e intervalos comparáveis da conjuntura recente.

¹¹ Este procedimento foi estabelecido a partir do contato com o próprio Departamento de Estatísticas da ANFAVEA.

Em contrapartida, notou-se claro aumento na produção de colheitadeiras de grãos e de tratores de esteiras, em ambas as comparações. De acordo com a subseção de “Mercados e Preços Agropecuários”, a expectativa é que a soja seguirá o comportamento das cotações, isto é, acelerando nos próximos meses, seja por uma firme demanda externa, seja pela desvalorização do real.

TABELA 10

Produção por categoria de máquinas agrícolas, e comparativos

Período	Tratores de rodas	Tratores de esteiras	Cultivadores motorizados	Colheitadeiras de grãos	Colhedoras de cana
Jan-Abr/2018	12395	1194	0	1808	325
Jan-Abr/2017	13383	379	0	1760	490
Média [Jan-Abr/2015-2017]	12792	462	184	1430	422
Comparativos	Var.%	Var.%	Var.%	Var.%	Var.%
Jan-Abr/2018 x Jan-Abr/2017	-7%	215%	-	3%	-34%
Jan-Abr/2018 x Média [Jan-Abr/2015-2017]	-3%	158%	-	26%	-23%

Fonte: ANFAVEA.
Elaboração: Dirur/Ipea.

No contexto das vendas de máquinas agrícolas (tabela 11) por categoria de veículo, notou-se uma queda nos segmentos de tratores de rodas e de colhedoras de cana em ambas as comparações. Tais recuos foram menos expressivos na comparação com igual período de 2017. Em contrapartida, deve-se registrar a dinâmica positiva assinalada na venda de tratores de esteiras em patamar superior ao computado em anos anteriores, uma vez que são maquinários menos específicos e que, por isso, são aproveitados em um número maior de cultivos.

Já no caso das colheitadeiras de grãos, apesar da breve diminuição das vendas na comparação com janeiro-abril de 2017, houve aumento de vendas quando comparado à média do mesmo período de 2015-2017. Este é um resultado a ser observado ao longo de 2018 em função do elevado valor unitário deste tipo de maquinário e, conseqüentemente, de menor participação no mercado do que os tratores.

TABELA 11

Vendas por categoria de máquinas agrícolas, e comparativos

Período	Tratores de rodas	Tratores de esteiras	Cultivadores motorizados	Colheitadeiras de grãos	Colhedoras de cana
Jan-Abr/2018	9414	136	0	1372	297
Jan-Abr/2017	10468	59	0	1436	345
Média [Jan-Abr/2015-2017]	10634	88	127	1296	374
Comparativos	Var.%	Var.%	Var.%	Var.%	Var.%
Jan-Abr/2018 x Jan-Abr/2017	-10%	131%	-	-4%	-14%
Jan-Abr/2018 x Média [Jan-Abr/2015-2017]	-11%	55%	-	6%	-21%

Fonte: ANFAVEA.
Elaboração: Dirur/Ipea.

4.2 Fertilizantes¹²

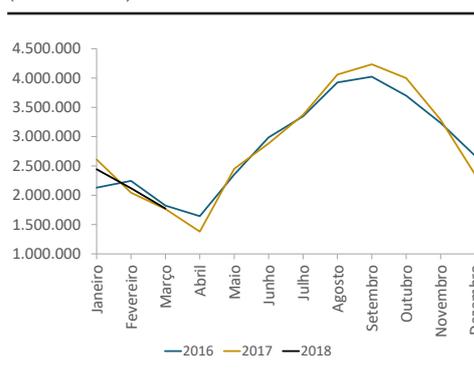
A aquisição de 21.307 mil toneladas de fertilizantes no segundo semestre de 2017 foi levemente acima de 2016, cerca de 1% (gráfico 19). Segundo a Conab, esse au-

¹² Esta subseção foi escrita por Ana Cecília Kreter, economista, doutora em Economia Aplicada e assistente de pesquisa da Dimac/Ipea (e-mail: <ana.kreter@ipea.gov.br>), e Jefferson Staduto, engenheiro agrônomo, doutor em Economia Aplicada e professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE (e-mail: <jefferson.staduto@unioeste.br>).

mento foi decorrente da expansão da área cultivada, em especial da área plantada na safra 2017/2018, que chegou a 61 milhões de hectares, atingindo novo recorde nacional. Entre as culturas, destaque para a soja, seguida do algodão e do feijão. Apesar do recorde da área cultivada, a produção estimada de grãos para a safra 2017/2018 é de 229,53 milhões de toneladas – redução de 3,4% em relação à safra anterior.

Ao compararmos o consumo de fertilizantes no primeiro trimestre de 2018 em relação a 2017, foi constatada mudança expressiva. Apesar disso, houve diminuição de área plantada do milho de segunda safra (milho safrinha) que, segundo levantamento da Conab, sofreu redução de 562,6 mil hectares, consequência do atraso na colheita da soja. A Conab constatou ainda que houve redução de pacote tecnológico, que considera inclusive o uso de fertilizantes, porque o cultivo ocorreu fora do período ideal. Com o atraso do plantio do milho safrinha, aumenta o risco da produção.

GRÁFICO 19
Consumo efetivo de fertilizantes, Brasil
(Em toneladas)



Fonte: ANDA, 2018.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da DIMAC/Ipea.

O trigo, que é mais representativo entre as culturas de inverno, deverá manter a sua área plantada, impactando pouco na aquisição de fertilizantes no segundo trimestre de 2018.

5 Crédito Rural¹³

Os recursos programados de crédito Rural, para o ano agrícola 2017/2018 (julho a junho), foram de R\$ 188,40 bilhões, sendo R\$ 150,25 bilhões para custeio, comercialização e industrialização, e R\$ 38,15 bilhões para investimento.¹⁴

As contratações de crédito rural e seu desembolso relativo à programação de recursos foram de R\$ 24,2 bilhões e 63,5% para investimentos, e de R\$ 93,4 bilhões e 62,2% para custeio, comercialização e industrialização. Esses desembolsos relativos, no ano agrícola anterior, foram respectivamente de 55,7% e de 56,7%, retratando a aplicação superior dos recursos no ano agrícola vigente.

O total das contratações de crédito rural (tabela 12) foi de R\$ 117,6 bilhões, em 463.406 operações, comparativamente a R\$ 103,9 bilhões, em 443.123 operações, no mesmo período do ano agrícola anterior, o que resulta, num aumento do tíquete médio das operações de crédito rural, de 8,2%. Essa tendência de concentração está amparada no aumento da participação dos recursos livres no *fundring* do crédito rural, já que esses recursos não impõem limite de financiamento por beneficiário.

¹³ Esta seção foi escrita por Antônio Moraes e João Cláudio da Silva Souza (SPA – MAPA).

¹⁴ O desempenho refere-se à agricultura empresarial (médios e grandes produtores), ficando excluídas, portanto, as operações de crédito rural relativas ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf).

TABELA 12
Crédito Rural
(Em R\$ milhões)

Finalidade	Safr a 16/17	Safr a 17/18	Variação (%)	
			Nº operações	Valor
Custeio	63.680,11	64.577,59	-2,7	1,4
Industrialização	4.206,32	5.267,54	8,5	25,2
Comercialização	17.069,31	23.538,88	25,3	37,9
Investimento	18.948,12	24.230,59	22,7	27,9
Total	103.903,86	117.614,60	4,6	13,2

Fonte: Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR)/Banco Central (BCB).
Elaboração: SPA/MAPA.

Conforme indicado na tabela 3A, os financiamentos de investimento agropecuário, realizados com as diversas fontes de recursos, aumentaram 27,9%, sendo que os programas prioritários Inovagro (que financia projetos de inovação tecnológica nas propriedades rurais), PCA (que financia a construção de armazéns), Moderinfra (que financia sistemas de irrigação), e o Programa ABC (que financia projetos produtivos sustentáveis mitigadores de emissão de gases causadores do efeito estufa) aumentaram, respectivamente, 132,3%, 91,1%, 63,9%, e 50,5%.

Constata-se, assim, desempenho superior dos financiamentos de investimento no ano agrícola de 27,9%, com menções de queda nas aplicações relativas ao Funcafé e ao Procap-Agro, este devido ao aumento em sua taxa de juros, na atual safra, para TLP + 3,7% e, aquele, devido à menor necessidade de recuperação de cafezais atingidos por intempéries climáticas, única finalidade de investimento no âmbito do Funcafé.

O aumento nas contratações de recursos de investimento, no ano agrícola 2017/2018, resultou em remanejamentos de recursos de programas com menor demanda para programas com maior demanda de contratação. Programas como o PCA e o Moderinfra tiveram aumento de recursos, no decorrer deste ano agrícola, por meio de remanejamentos, demonstrando flexibilidade na condução da política de crédito rural conduzida pelo MAPA em conjunto com os demais atores governamentais e agentes financiadores.

Em suma, a retomada dos investimentos no setor agropecuário reflete a safra recorde no ciclo anterior e contrasta, obviamente, com o desempenho passado observado, no qual houve redução na contratação de recursos. Esse fato sinaliza confiança na economia e boas perspectivas por parte dos agentes empreendedores do agronegócio brasileiro.

A divisão dos recursos quanto às atividades do setor rural, conforme a tabela 15, mostra aplicação de R\$ 81,5 bilhões para a atividade agrícola, e de R\$ 36,1 bilhões para a pecuária, refletindo respectivos aumentos de 14,7% e de 10%, comparativamente ao mesmo período do ano agrícola 2016/2017.

TABELA 13
Distribuição da aplicação do crédito rural por finalidade
(Em R\$ milhões)

Atividade	Safra 2016/17	Safra 2017/18	Variação (%)
Agrícola	71.096,09	81.540,39	14,7
Pecuária	32.807,77	36.074,21	10
Total	103.903,86	117.614,60	13,2

Fonte: SICOR/BCB.
Elaboração: SPA/MAPA.

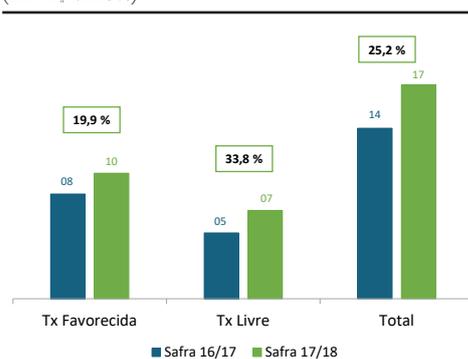
TABELA 14
Recursos obrigatórios
(Em R\$ milhões)

Finalidades	Safra 2016/17	Safra 2017/18	Variação (%)
Custeio	24.156,52	24.667,01	2,1
Industrialização	3.498,89	4.687,95	34
Comercialização	8.335,30	4.858,85	-41,7
Investimento	1.075,12	0	-100
Total	37.065,83	34.213,81	-7,7

Fonte: SICOR/BCB.
Elaboração: SPA/MAPA.

Os recursos obrigatórios do crédito rural, aqueles oriundos da exigibilidade dos depósitos à vista das instituições financeiras, apresentaram variação positiva nas finalidades custeio e industrialização. Na comercialização, a variação negativa é resultado direto da proibição, nessa fonte de recursos, de contratação de Financiamento para a Garantia de Preços ao Produtor (FGPP), que visa permitir aos produtores rurais a venda de sua produção por valor não inferior ao preço mínimo, para os produtos amparados pela Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM). Esta finalidade apresenta-se agora amparada nas fontes livres do crédito rural, sobretudo dos recursos oriundos da exigibilidade de aplicação de 35% das emissões das Letras de Crédito do Agronegócio (LCAs). A ausência de financiamento de investimento reflete, também, a proibição do uso dessa fonte para tal finalidade de crédito.

GRÁFICO 20
LCA
(Em R\$ bilhões)



Fonte: SICOR/BCB.
Elaboração: SPA/MAPA.
Obs.: Dados extraídos em 7 de maio de 2018.

A emissão de LCAs, cujos recursos são parcialmente direcionados para o crédito rural, tem contribuído significativamente para aumentar o funding do crédito rural. Os financiamentos com esta fonte de recursos atingiram R\$ 17 bilhões, sendo R\$ 7 bilhões a taxas livres e R\$ 10 bilhões a taxa favorecida, um aumento total de 25,2% em relação ao mesmo período do ano agrícola anterior.

Dos recursos aplicados por meio da fonte LCA, 44,34% foram destinados ao custeio, 11,95%, ao investimento, 41,32%, à comercialização e 2,39%, à industrialização.

Numa perspectiva ampla acerca das fontes de financiamento do agronegócio (tabela 4A) pode-se constatar o predomínio de algumas delas, como os recursos

obrigatórios e a poupança rural controlada, respectivamente, com participação de 29,1% e de 27,0% do total dos financiamentos.



As fontes controladas perfazem 73% das aplicações, contra 27% das fontes livres, sendo que estas aumentaram sua participação em 52,4%, revelando a consolidação das LCAs como *funding* importante do setor e a aproximação das taxas de juros de mercado com as taxas controladas do crédito rural.

Portanto, considerando-se a conjuntura apresentada e correlacionando-se o ano agrícola vigente com os dois últimos, a perspectiva do desempenho do crédito rural é positiva, devendo alcançar até o final desta safra (junho de 2018), um crescimento percentual de 10% a 15% do montante de recursos aplicados no ciclo passado.

Anexo



TABELA A1

Valor bruto da produção - Lavouras e Pecuária – Brasil (Valores em milhões R\$*)

	2014	2015	2016	2017	2018	variação % 2017/2018
Algodão herbáceo	13.773	14.092	12.794	22.039	26.638	20,9
Amendoim	1.058	1.133	1.272	1.312	1.196	-8,9
Arroz	12.059	11.222	10.273	11.214	9.113	-18,7
Banana	10.470	10.256	15.103	11.074	10.828	-2,2
Batata - inglesa	6.285	6.210	7.483	4.016	4.152	3,4
Cacau	1.273	1.477	1.926	1.402	1.525	8,7
Café	21.109	21.032	25.097	21.412	21.846	2,0
Cana-de-açúcar	56.899	53.860	56.583	69.248	63.150	-8,8
Cebola	4.328	3.275	3.733	1.887	-	-
Feijão	9.325	8.907	11.510	8.436	6.098	-27,7
Fumo	8.451	8.171	5.801	-	-	-
Laranja	14.486	12.250	13.064	14.520	11.996	-17,4
Mamona	63	70	46	28	47	68,5
Mandioca	8.754	7.776	6.535	12.243	11.877	-3,0
Milho	42.468	44.597	42.406	48.688	43.556	-10,5
Pimenta-do-reino	824	1.432	1.376	1.377	-	-
Soja	106.312	116.889	117.640	120.127	124.652	3,8
Tomate	16.811	15.587	8.886	8.394	11.143	32,7
Trigo	4.702	3.873	5.070	2.577	3.537	37,3
Uva	4.839	4.037	3.517	5.800	4.004	-31,0
Maçã	4.548	3.954	4.412	3.463	-	-
TOTAL LAVOURAS	348.836	350.102	354.529	369.259	355.358	-3,8
Bovinos	76.143	78.763	73.726	72.266	72.336	0,1
Suínos	14.901	15.924	14.696	16.268	14.793	-9,1
Frango	51.589	54.462	55.493	50.535	45.926	-9,1
Leite	33.080	29.861	27.707	30.597	28.355	-7,3
Ovos	12.667	12.898	13.905	11.431	13.363	16,9
TOTAL PECUÁRIA	188.380	191.908	185.527	181.096	174.773	-3,5
VBP TOTAL	537.216	542.010	540.056	550.355	530.131	-3,7

Fonte Produção: Lavouras: IBGE - LSPA, março/2018; Pecuária: IBGE - Pesquisa Trimestral do Abate de Animais; Pesquisa Trimestral do Leite, Produção de Ovos de Galinha. Considerou-se para o ano em curso a produção dos últimos 4 trimestres.

Fonte Preços: Cepea/Esalq/USP, CONAB e FGV/FGVDados; Preços Recebidos pelos Produtores média anual para os anos fechados e para 2018 preços médios de janeiro a março.

CONAB para: Algodão herbáceo, Amendoim, Arroz, Banana, Batata – inglesa, Cacau, Cana-de-açúcar, Cebola, Feijão, Fumo, Laranja, Mamona, Mandioca, Milho, Pimenta-do-reino, Soja, Tomate, Uva, Bovinos, Suínos, Leite, Ovos; Cepea/ESALQ/USP para: Café, Maçã, Trigo e Frango; Café refere-se ao café arábica tipo 6, bebida dura para melhor e café robusta tipo 6, peneira 13 acima, com 86 defeitos; maçã refere-se a maçã gala nacional.

OBS: Devido a descontinuidade da informação pela FGV/FGVDados, comunicado da FGV em 24/04/2017, foram usados preços da FGV até dez/2016. A partir desta data os produtos, que antes eram informados pela FGV, passaram a ser substituídos pelos preços da Conab.

Nota: a partir de dezembro de 2015 preços de laranja retroativo a 2012 e frango retroativo a 2005, foram alterados para Conab e Cepea respectivamente. Para cacau, a partir de abril/2017, retroativo à jan/2016 foi alterado para Conab.

Devido a descontinuidade da informação de produção pelo LSPA/IBGE, fonte desta informação, a série deste produto finaliza-se em 2017.

* Valores deflacionados pelo IGP-DI da FGV - março/2018.

Devido a descontinuidade da informação de produção pelo LSPA/IBGE, fonte desta informação, as séries de cebola, maçã e pimenta do reino finalizam-se em 2017. Elaboração: CGEA/DCEE/SPA/MAPA.

TABELA A2

Valor Bruto Da Produção Agropecuária (Valores em milhões Reais*)

POSIÇÃO	REGIÃO	2018
1º	Centro-Oeste	149.091
2º	Sul	133.284
3º	Sudeste	125.886
4º	Nordeste	48.739
5º	Norte	31.745
POSIÇÃO	ESTADOS	2018
1º	Mato Grosso	74.233
2º	Paraná	67.935
3º	São Paulo	65.596
4º	Minas Gerais	54.786
5º	Rio Grande do Sul	47.841
6º	Goiás	44.077
7º	Bahia	29.792
8º	Mato Grosso do Sul	29.533
9º	Santa Catarina	17.508
10º	Pará	12.494

Fonte: CGEA/DCEE/SPA/MAPA.

Nota:

*Valores deflacionados pelo IGP-DI da FGV (março de 2018).

TABELA A3

Investimento

(Em R\$ milhões)

Programa	Jul/16 a Abr/17	Jul/17 a Abr/18	Varição %
Moderfrota	5.990,07	6.235,26	4,1
Moderagro	391,9	512,34	30,7
Moderinfra	241,54	395,87	63,9
Programa ABC	826,97	1.244,90	50,5
PCA	303,11	579,12	91,1
Inovagro	357,53	830,44	132,3
Pronamp	2.079,81	3.154,52	51,7
Prodecoop	190,76	423,32	121,9
Procap-Agro	1.477,09	270,73	-81,7
Funcafé	58,59	9,11	-84,5
SUBTOTAL	11.917,37	13.665,60	14,6
Fundos Constitucionais	3.633,07	5.614,22	54,5
- FCO	2.663,87	4.356,77	63,6
- FNE	504,45	734,32	45,6
- FNO	464,75	523,13	12,6
Recursos Livres	912,3	935,18	2,5
LCA	452,99	2.045,70	351,6
Outras Fontes	2.032,39	1.979,90	-2,6
Total	18.948,12	24.230,59	27,9

Fonte: Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR)/Banco Central (BCB).
Elaboração: SPA/MAPA.

TABELA A4

Fontes de Recursos

(Em R\$ milhões)

Fontes	Safra 2016/17	Partic. (%)	Safra 2017/18	Partic. (%)	Var. (%)
Controladas					
Poupança Rural Controlada	26.755,43	25,8	31.793,25	27	18,8
Recursos Obrigatórios	37.065,83	35,7	34.213,81	29,1	-7,7
BNDES/FINAME Equalizável	10.405,83	10	8.881,76	7,6	-14,6
Fundos Constitucionais	5.297,90	5,1	8.243,33	7	55,6
- FCO	2.744,90	2,6	4.992,85	4,2	81,9
- FNE	1.506,58	1,4	1.958,56	1,7	30
- FNO	1.046,41	1	1.291,91	1,1	23,5
Funcafé	2.438,03	2,3	2.601,27	2,2	6,7
Recursos Livres Equalizáveis	1.073,47	1	93,57	0,1	-91,3
Outros	16,09	0	13,23	0	-17,7
Total Controladas	83.052,58	79,9	85.840,22	73	3,4
Não Controladas					
LCA Taxa Favorecida	8.389,59	8,1	10.056,44	8,6	19,9
LCA Taxa Livre	5.277,97	5,1	7.061,28	6	33,8
Recursos Livres	3.572,94	3,4	3.886,72	3,3	8,8
Captação Externa	1.730,72	1,7	1.300,86	1,1	-24,8
Poupança Rural Livre	1.843,61	1,8	9.284,04	7,9	403,6
BNDES Livre	36,45	0	185,05	0,2	407,7
Total Não Controladas	20.851,28	20,1	31.774,37	27	52,4
TOTAL	103.903,86	100	117.614,60	100	13,2

Fonte: SICOR/BCB.
Elaboração: SPA/MAPA.

Equipe Responsável pela Seção de Economia Agrícola

Editores

Jose Eustaquio Ribeiro Vieira Filho (Dirur/Ipea)
José Ronaldo De Castro Souza Junior (Dimac/Ipea)

Mercados e Preços Agropecuários

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros – Cepea/Esalq-USP
Nicole Rennó Castro – Cepea/Esalq-USP
André Sanches e Nicole Rennó (Grãos) – Cepea/Esalq-USP
Fernanda Geraldini (Hortifrutícolas) – Cepea/Esalq-USP
Renato Garcia Ribeiro (café) Cepea/Esalq-USP
Natália Slaro Grigol (Leite) – Cepea/Esalq-USP
Regina Mazzini Rodrigues Biscalchin (Boi) – Cepea/Esalq-USP
Juliana Ferraz e Marcos Debatin Iguma (suínos, aves e ovos) – Cepea/Esalq/USP.

Comércio Externo e Mercado Internacional

Marcelo José Braga Nonnenberg (Dimac/Ipea)
Ana Cecília Kreter (Dimac/Ipea).

Nível de Atividade e Emprego

Valor bruto da produção

José Garcia Gasques (Secretaria de Política Agrícola – SPA/Mapa)
Eliana Teles Bastos (Secretaria de Política Agrícola – SPA/Mapa)

Produto interno bruto (PIB) agropecuário: indicador mensal e previsão para 2018

Leonardo Melo de Carvalho (Dimac/Ipea)
Marco Antônio F. H. Cavalcanti (Dimac/Ipea)

Renda e emprego no agronegócio: insumos, primário, agroindústria e agrosserviços

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros – Cepea/Esalq-USP
Nicole Rennó Castro – Cepea/Esalq-USP
Leandro Gilio – Cepea/Esalq-USP
Ana Carolina de Paula Moraes – Cepea/Esalq-USP
Marcello Luiz de Souza Junior – Cepea/Esalq-USP

Produção de Insumos Agrícolas

Máquinas agrícolas

Rogério Edivaldo Freitas (Dirur/Ipea)

Fertilizantes

Ana Cecília Kreter (Dimac/Ipea)
Jefferson Staduto – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

Crédito Rural

Antônio Moraes (SPA – MAPA)
João Cláudio da Silva Souza (SPA – MAPA)

Assistente de Pesquisa

Jomary Maurícia Leite Serra



Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)

José Ronaldo de Castro Souza Júnior – Diretor
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti – Diretor Adjunto



Grupo de Conjuntura

Equipe Técnica:

Christian Vonbun
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Leonardo Mello de Carvalho
Marcelo Nonnenberg
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Paulo Mansur Levy
Vinicius dos Santos Cerqueira
Sandro Sacchet de Carvalho

Equipe de Assistentes:

Ana Cecília Kreter
Augusto Lopes dos Santos Borges
Felipe dos Santos Martins
Felipe Simplicio Ferreira
Julio Cesar de Mello Barros
Leonardo Simão Lago Alvite
Renata Santos de Mello Franco
Victor Henrique Farias Mamede

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.